

Castro, César Augusto. **História da biblioteconomia brasileira**. Brasília: Thesaurus Editora, 2000. 287 p.

César Augusto Castro é graduado em Biblioteconomia pela Universidade Federal do Maranhão, Mestre em Biblioteconomia pela PUC - Campinas e Doutor em Educação pela Universidade de São Paulo. Publicou anteriormente, dois outros livros: *Leitura de adultos com escolaridade tardia*, sua dissertação de mestrado e *Movimento fundador da Biblioteconomia no Maranhão*, onde adianta os fermentos deste novo livro. O autor exerce a docência no Departamento de Biblioteconomia e no Programa de pós-graduação em Educação da Universidade Federal do Maranhão. Antonio Miranda, conhecido bibliotecário brasileiro, faz a apresentação deste livro: "... é a revelação da busca da nossa ideologia profissional através das propostas e experiências de nossos pioneiros" (p. 11).

Originalmente defendida como dissertação de doutorado na Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo em 1998, este texto busca identificar os aspectos tratados, a metodologia e bibliografia utilizadas na formação do campo da educação bibliotecária no Brasil. Desta forma, retoma a análise já realizada por outros contemporâneos, como Suzana Mueller e Nice Figueiredo, desde a perspectiva da análise do discurso. Procura, assim, estudar as semelhanças e diferenças históricas encontradas nos trabalhos anteriores, baseando-se principalmente na revisão da literatura produzida no campo. O próprio autor afirma precisamente que por "sustentar-se na literatura periódica da área, entendemos os materiais da literatura periódica como veículos de comunicação de um determinado campo do saber e como mecanismos de divulgação de suas atividades, possibilitando ao pesquisador compreender sua trajetória, suas idéias dominantes em determinado período, seus principais líderes. Enfim, contribuindo para a (re)construção histórica de um determinado campo" (p. 18-19).

Três questões básicas orientaram esta pesquisa:

- 1) De que modo se construíram os discursos explicitados na literatura periódica, nos anos 50 e 60, em relação ao ensino da Biblioteconomia no Brasil?
- 2) Quais foram as principais determinações sobre a profissão e o profissional bibliotecário nos anos 50 e 60?
- 3) Quais foram os marcos históricos anteriores aos anos 50 e 60 relacionados ao ensino da Biblioteconomia no Brasil?

Para alcançar estes objetivos e responder a estas questões, o autor realizou uma delicada e selecionada busca e consulta à literatura publicada na época, assim como de entrevistas a destacadas lideranças da área. As entrevistas foram gravadas, transcritas e depois categorizadas de acordo com a temática em estudo. Com base nessas entrevistas e na análise do discurso objetivado na literatura produzida na época, encontrou-se relativa uniformidade na divisão histórica do ensino da Biblioteconomia no Brasil.

O autor identifica cinco fases, porém centra sua análise na terceira e quarta fases desse processo:

Fase I - 1879-1928: Movimento fundador da Biblioteconomia no Brasil, de influência humanística francesa, sob a liderança da Biblioteca Nacional;

Fase II - 1929-1939: Predomínio do modelo pragmático americano em relação ao modelo humanista francês anterior;

Fase III - 1940-1961: Consolidação e expansão do modelo pragmático americano;

Fase IV - 1962-1969: Uniformização dos conteúdos pedagógicos e regulamentação da profissão;

Fase V - 1970-1995: Paralisação do crescimento quantitativo das escolas de graduação e crescimento quantitativo dos cursos de pós-graduação; busca da madureza teórica da área a partir de novas metodologias, e abordagens emprestadas de outros campos do saber.

Com a invasão das tropas francesas a Portugal, a realeza, sentindo-se ameaçada, buscou refúgio na sua colônia brasileira, trazendo consigo, entre suas muitas comodidades, também uma numerosa coleção bibliográfica, dando origem à Biblioteca Real. Estamos falando do ano 1810. O segundo capítulo está dedicado à descrição das peripécias desta Biblioteca Real até converter-se na atual Biblioteca Nacional do Brasil, onde, em 1911, criou-se um curso de Biblioteconomia. Foi o segundo criado na América Latina. O primeiro foi criado em 1903 pelo Conselho de Mulheres da Argentina, em Buenos Aires. Analisa, assim, as condições sociais que deram origem à criação de bibliotecas e cursos de biblioteconomia nos dois Estados mais importantes: Rio de Janeiro e São Paulo. Descreve como a Biblioteconomia deixa suas influências humanísticas para reforçar seu pragmatismo americanista até, finalmente, converter-se em filha da Biblioteconomia americana. Os agentes e atores desse movimento estão bem costurados e descritos, mostrando os bastidores das estruturas de poder que deram lugar à criação dos cursos de Biblioteconomia, à literatura utilizada, os cursos oferecidos e os professores comprometidos com esta cruzada.

O bibliotecário, do generalista ao servo da ciência, é o eixo central do terceiro capítulo. Aqui, o autor analisa o discurso expressado na literatura produzida na época com relação ao perfil do “bibliotecário ideal”. As mudanças que estavam acontecendo na ciência e na tecnologia exerciam pressão para a emergência de um tipo diferente de bibliotecário “mais dinâmico e mais participativo”, mas principalmente especializado e com capacidades similares às dos professores e pesquisadores. Compreendeu-se, então, que o desenvolvimento da ciência e da tecnologia exigia um bibliotecário que entendesse não somente da organização de livros e revistas como também que tivesse sólidos conhecimentos sobre a literatura preservada e organizada na sua biblioteca. Começou-se, nesse momento, a se falar do “bibliotecário moderno” que, em oposição ao “bibliotecário tradicional”, desenvolve atividades de gerenciamento, planificação, desenvolvimento de políticas de informação, que participa dos movimentos associativos da classe. Os agentes e os discursos foram analisados com profundidade até o momento em que a prática bibliotecária obtém sua legalização com a aprovação da lei que regulamentou o exercício profissional da Biblioteconomia, evitando, assim, que elementos estranhos de outras áreas entrassem para competir na prática do gerenciamento da informação. Se este capítulo conclui a luta pela legalização da profissão, deixa em aberto a luta pela legitimação da prática bibliotecária, sempre questionada e sem visibilidade social.

As lutas pela aprovação de uma lei que regulamenta a prática bibliotecária e as figuras carismáticas envolvidas nessas lutas são descritas no quarto capítulo. As angústias e peripécias destas figuras carismáticas e as alterações sofridas pelo projeto de lei são contadas quase na forma de uma história oral, o que dá intimidade ao relato e o torna mais interessante. Este capítulo é sabiamente complementado com as peripécias confrontadas para organizar a Federação Brasileira de Associações de Bibliotecários (FEBAB), e os esforços associativos dos bibliotecários brasileiros até conseguirem a criação e consolidação do Conselho Federal de Biblioteconomia.

O capítulo Cinco, Caminhos e descaminhos do ensino da biblioteconomia: anos 50 e 60, está centrado na análise do discurso em torno do currículo mínimo e dos saberes humanista e técnico incorporados a este currículo. O debate humanismo versus tecnicismo teve seu início com a instalação dos cursos de Biblioteconomia no Estado de São Paulo. Como foi dito anteriormente, a vertente humanista de ascendência francesa estava representada pelos cursos da Biblioteca Nacional no Estado de Rio de Janeiro. Já a vertente tecnicista tinha várias frentes de detratores e defensores. E assim, em junho de 1962 uma comissão de especialistas

em Biblioteconomia propõe que o ensino da Biblioteconomia se realize nas universidades e seja dado em três níveis: graduação, pós-graduação e doutorado. Propuseram também um currículo mínimo, mas tudo indica que este novo currículo era apenas o revestimento de novas roupagens para dissimular velhos saberes. Este currículo mínimo também propicia o crescimento quantitativo das escolas de graduação, mas aparentemente não significou um salto qualitativo no ensino nem nos saberes oferecidos nessas escolas. O debate do bibliotecário humanista ou tecnicista, a padronização do ensino, os saberes praticados na Biblioteconomia, o bibliotecário na procura da sua especialização e a criação do Instituto Brasileiro de Bibliografia e Documentação (IBBD), que depois daria origem ao Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT), estão plenamente documentados e analisados.

Este é um livro sobre a história da formação da Biblioteconomia brasileira, com suas estratégias de luta e resistência, com a descrição das intervenções de seus intelectuais orgânicos e tradicionais, com a criação de instituições e organismos, desde a modelagem das instâncias de produção e reprodução de seus crenes, até lograr a legalização de um campo de práticas laborais e intelectuais. A descrição é amena, sem as maciças e tediosas citações a que nos tem acostumado a academia. A leitura flui naturalmente e avança sem pressa e com deleite, o que faz deste livro uma ferramenta ideal para o ensino da Biblioteconomia. Esta obra se converterá, sem dúvida, num texto clássico para se compreender a história de nosso campo, e servirá de exemplo para abrir caminhos em outras regiões. Uma atenta e cuidadosa leitura de Antonio Gramsci em “Os intelectuais e a organização da cultura” e de Pierre Bourdieu, com suas noções de criação e organização dos “campos”, sejam estes científicos, culturais, artísticos ou literários, complementaria muito bem este texto e nos daria maiores luzes para entender melhor a história da formação da Biblioteconomia brasileira.

Sem dúvida, este é um texto de leitura obrigatória para estudantes e professores de Biblioteconomia e Ciência da Informação, bem como para os interessados na Biblioteconomia Comparada.

[Rubén Urbizagástegui Alvarado](#)

Bibliotecário associado

Universidade da Califórnia, Riverside.

Riverside, CA, 92517-5900

USA